

OS ANFÍBIOS E A FRAGMENTAÇÃO DA MATA ATLÂNTICA

abr 18, 2018 | Megabiodiversidade



CURTA biodiversidade



A Mata Atlântica é considerada pelos pesquisadores como um dos biomas mais ricos em biodiversidade do mundo, abrigando sozinha 7% de todas as espécies existentes. Entretanto, hoje essa mata se encontra profundamente retalhada, com seus “restos” espalhados em pequenos pedaços quase sempre isolados. Estimativas apontam que restam apenas 8,5% da sua área original em fragmentos maiores do que 100 hectares.

Esses verdadeiros “fragmentos” de floresta estão sujeitos não apenas à progressiva perda de suas características enquanto habitat natural, mas ao isolamento de seus habitantes nativos. Animais pequenos possuem enormes dificuldades em atravessar um pasto ou uma lavoura, seja porque estarão muito expostos a predadores ou porque é muito difícil para espécies de pequenas dimensões percorrerem “grandes distâncias” em ambientes profundamente alterados. Os anfíbios (sapos, pererecas, rãs) são especialmente sujeitos ao isolamento em decorrência da fragmentação das florestas. A pele deles é muito sensível e precisa estar sempre úmida. Tentar atravessar um ambiente completamente exposto ao sol e ao vento é arriscado demais, em decorrência do alto risco de ressecarem. Isso sem entrar na problemática das estradas e de outras barreiras físicas provocadas ou não pelo ser humano.

O Brasil é o país que detém a maior biodiversidade de anfíbios do mundo. A Mata Atlântica possui mais de 500 espécies associadas. Destas, cerca de 85% são encontradas exclusivamente nesse bioma. Estudos descrevem o efeito da perda e da fragmentação da floresta sobre as populações de anfíbios, onde relatam que o tipo de agricultura que circunda a floresta, o tamanho do remanescente e a disponibilidade de poças e riachos em seu interior são os principais fatores que afetam a composição e a abundância dessas espécies. Com a constante redução das áreas de floresta e o isolamento dos remanescentes, entender em detalhes o estado das populações de anfíbios é importante não somente para a conservação dos próprios, mas serve como base teórica para futuras ações de conservação da biodiversidade como um todo.

Por Tatiana Motta Tavares (UEL)

Hylodes nasus em cachoeira. Cachoeira das Almas, Parque Nacional da Tijuca, RJ.

